

Linguagem & Ensino, Vol. 1, No. 2, 1998 (71-87)

Marcação de tópico pela reordenação de constituintes no texto dissertativo

Maria Teresinha Py Elichirigoity
Universidade Católica de Pelotas

ABSTRACT: The article reports on the results of a quantitative investigation on the use of constituent reordering and its functions in the construction of essays as produced by the best students who applied to the Universidade Católica de Pelotas in 1995. The use, types and location of different structures of SVO are analyzed in paragraphs and texts. It is suggested that traditional rhetoric and syntactic stylistics, along with discourse pragmatics under a functionalist approach, has to be considered in the construction of authentic texts by students.

RESUMO: O artigo relata o resultado de investigação sobre o uso da reordenação dos constituintes e suas funções na construção de textos argumentativos que obtiveram as melhores notas no vestibular de 95/2 da Universidade Católica de Pelotas. Realiza um estudo quantitativo e, ao verificar a utilização, os tipos e a localização de estruturas diferentes de SVO no parágrafo e no texto, sugere a necessidade de uma retomada da estilística sintática e da retórica antiga, levando em conta as descobertas da pragmática do discurso em uma abordagem funcionalista, para a orientação da construção de textos autênticos na escola.

KEY WORDS: Writing, constituent reordering, functional grammar, authentic texts.

PALAVRAS-CHAVE: Escritura, reordenação de constituintes, gramática funcional, texto autêntico.

MARCAÇÃO DE TÓPICO

“A tarefa do lingüista, como de todo o cientista, é buscar as generalizações que estão por trás de fatos aparentemente desconexos.” (Pontes,1987:149)

Se aceitamos o princípio de que a mudança de tópico é a base de progressão de um texto, desde que relacionada com coerência, sempre nos questionamos como se daria essa mudança de tópico. Segundo estudos feitos, a língua portuguesa tem na estrutura SVO sua construção típica. Pensamos, então, que o texto, ao longo de seu desenvolvimento, deveria utilizar, entre outros recursos lingüísticos, estruturas diferentes da canônica para sinalizar esta descontinuidade de tópico, o contraste com o anterior, uma importância local ou imprevisibilidade da referência ou, ainda, estruturas diferentes de SVO poderiam ser utilizadas com função apresentativa ou continuativa, no aspecto temático.

DO PROBLEMA ÀS HIPÓTESES

Mas quais estruturas seriam usadas, na realidade, nos textos escritos de nossos alunos? Usariam eles estruturas diferentes de SVO? Em que parte do texto estariam inseridas? Achávamos que tais estruturas, se bem empregadas, deveriam se relacionar com a estrutura do parágrafo e do próprio texto. Então, começamos uma pesquisa cujo objetivo era descobrir se eram utilizadas estruturas diferentes de SVO nos textos escritos, quais seriam e se a localização dessas estruturas condizia com o previsto na teoria existente.

Com base em estudos sobre a tipologia dos textos, decidimos optar pelo texto dissertativo por seu caráter questionador, argumentativo, que, de acordo com Delforce (1992), exige do redator um jogo de idéias contrastantes que aborem o assunto por vários ângulos.

Julgamos que isso exigiria também o domínio e inserção de estruturas diferentes de SVO no discurso, por serem estruturas marcadas pelas quais o redator orienta o leitor, através da ordem de colocação dos constituintes, sobre a urgência da informação, baseando-se nos parâmetros cognitivos de importância e previsibilidade. A importância sinaliza a hierarquização de uma informação com relação a outras, enquanto a previsibilidade refere-se ao status da informação com relação ao que o redator pensa que o leitor já conhece ou ignora sobre a informação, conforme enfatiza Givón (1988).

MARIA TERESINHA PY ELICHIRIGOITY

Mas para que iríamos realizar tal investigação? Tendo trabalhado há vários anos na coordenação da correção das redações de vestibular da Universidade Católica de Pelotas, verificamos que uma das críticas maiores dos professores sobre os textos era a falta de um discurso original, que saísse dos clichês e tivesse um fio condutor das idéias expostas, ao mesmo tempo em que, pondo em relevo os pontos contrastantes num jogo argumentativo, alcançasse uma conclusão através de um processo integrado e lógico na construção do texto. Não se daria esta falta de argumentatividade dos textos também pela inexistência de estruturas marcadas que melhor expressassem as oposições que toda boa argumentação prevê? Resolvemos, então, investigar, a partir dos textos que obtiveram as melhores notas no vestibular 95, se foram usadas estruturas com reordenação de constituintes e em que medida foram tomadas.

Por outro lado, levando em consideração o já clássico trabalho de Ferguson (1974) sobre variantes lingüísticas e suas superposições, não podemos negar que o discurso planejado escrito é uma variedade superposta à fala casual do aluno, sendo sua gramática aprendida em termos de regras e normas a serem imitadas.

A nossa linguagem escrita brasileira, como sabemos, imposta pela gramática portuguesa, distancia-se da realidade da fala não-padrão usada no Brasil, o que faz o aluno tentar imitar modelos, somente para enquadrar-se aos ensinamentos sobre a língua. Isso faz surgir o texto que evita todo tipo de estrutura comum à fala, ao mesmo tempo em que se usam os clichês, por imitação. Como o aluno sabe que não pode transpor para a escrita as estruturas da fala, condenadas pela escola, ele procura não usá-las, como se vê pelo resultado de nossa pesquisa.

A CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

Esta pesquisa utilizou como corpus para a análise, as redações dissertativas da prova de vestibular (julho de 1995) da Universidade Católica de Pelotas. Foram selecionadas dezoito redações que obtiveram as melhores notas, segundo informações do Centro de Processamento de Dados (CPD) da UCPel, sendo agrupadas segundo a área de interesse do redator: seis textos da área 1 (Ciências Médicas e da Saúde), seis textos da área 2 (Ciências Exatas), seis textos da área 3 (Ciências Humanas).

MARCAÇÃO DE TÓPICO

Achamos importante registrar a área de interesse em função das expectativas que explicitamos a seguir. A reordenação de constituintes tem sua base de construção no princípio de urgência da informação, que é norteado pelos parâmetros cognitivos de importância e previsibilidade. Essa percepção é indispensável para o uso adequado da reordenação de constituintes que seja, realmente, motivado por um princípio funcional. Pensamos, então, que se poderia esperar melhor manejo da língua nos candidatos da área 3 por uma suposta afinidade/interesse em trabalhar com linguagem. Talvez, também, esperar textos menos elaborados na área 2 por suposta preferência desses candidatos por linguagens formais, matemáticas.

Quanto à área 1, devido à alta competitividade ocasionada pela grande demanda de candidatos, cada vez mais treinados em cursinhos pré-vestibular, o que leva esta área a obter, geralmente as melhores notas no total das disciplinas, ficamos em dúvida. Será que todo esse treinamento levaria o aluno a perceber com mais facilidade a urgência da tarefa comunicativa, dispondo a informação de acordo com seu grau de importância e/ou imprevisibilidade e com isso, criando mais estruturas marcadas na construção do texto? Será que as notas obtidas têm relação com o maior ou menor uso de estruturas marcadas no texto dissertativo dos vestibulandos?

Também nos certificamos de que todos os redatores tivessem o português como sua língua nativa. A idade média da maioria (61,11%) estava entre 16 e 21 anos e, dos restantes, somente um ultrapassou 27 anos. Na percentagem geral, 50% dos redatores eram do sexo feminino e 50% do sexo masculino. Se verificarmos por área de interesse, entretanto, houve preponderância do sexo feminino (66,66%) na área 3 — Ciências Humanas — enquanto que na área 1 — Ciências Médicas e da Saúde — o mesmo percentual (66,66%) corresponde ao sexo masculino. Na área 2 — Ciências Exatas — 50% era do sexo feminino e 50% era do sexo masculino.

Quanto à escolaridade, 88,88% dos vestibulandos concluíra o 2º grau tradicional, estando incluídos aí todos os da área 1 e da área 2. Em cursos supletivos formaram-se somente 11,11% dos alunos que, coincidentemente, pertenciam à mesma área de interesse: Ciências Humanas — área 3.

MARIA TERESINHA PY ELICHIRIGOITY

Foram considerados, nesta pesquisa, os textos que obtiveram as melhores notas, mas, ainda que a redação valesse 10, as melhores notas variaram de 6 a 8, conforme Tabela 1.

Tabela 1 — Notas obtidas nas redações e percentual de alunos

Área	Nota e percentual
Médicas	8 (16,66%)
	7 (33,33%)
	6 (50%)
Exatas	7 (16,66%)
	6 (83,33%)
Humanas	8 (50%)
	7 (50%)

Como se pode concluir pelos dados acima, quanto à avaliação feita pela equipe de correção de redações do vestibular da UCPel, os textos produzidos pela área de Humanas foram os que obtiveram melhores notas, em sua maioria. A seguir colocaram-se os textos da área Médicas, e, por último, os da área de exatas.

Quanto à escolha do tipo de texto para constituir o corpus desta pesquisa, o texto dissertativo foi eleito por seu caráter argumentativo, que exige, segundo Charolles (1990), um trabalho de reflexão, conceituação, implicando capacidades de generalização, distanciamento, categorização, tudo embasado em experiências e percepções pessoais, além do domínio de formas de expressão ligadas a essa forma de conceituação. Para Charolles, uma boa redação dissertativa manifesta a capacidade do redator de conduzir como um guia a interpretação do leitor, sabendo chamar sua atenção através da construção textual, hierarquizando as informações, ao mesmo tempo em que faz recapitulações parciais que mantêm o interesse e a compreensão. Nessa hierarquização das informações situou-se nossa expectativa de uso de estruturas marcadas.

Quanto ao agrupamento dos textos por área de interesse do redator, pensou-se, em primeiro lugar, averiguar qual grupo usa mais estruturas marcadas no geral. Verificar a seguir, pela percentagem geral, se esse uso das estruturas e sua localização enquadram-se às funções e localização previstas pela teoria.

MARCAÇÃO DE TÓPICO

Além do mais, na medida que se descobrisse qual das três áreas de interesse sinalizaria mais e com adequação para o leitor, o grau de importância e/ou imprevisibilidade da informação através de estruturas marcadas por reordenação de constituintes, poderia ser verificado se existia, coincidentemente, um resultado melhor na avaliação dos professores.

É preciso esclarecer ainda que todas as redações versavam sobre a mesma proposta temática: a situação brasileira após um ano do Plano Real. Sendo um assunto extremamente discutido por todas as camadas sociais e meios de comunicação, além de a prova do vestibular trazer partes de textos jornalísticos para leitura, como incentivo para o desenvolvimento de argumentação individual do vestibulando, considerou-se a possibilidade de o grau de informação sobre o tema ser suficiente para todos os candidatos, independente de sua área de interesse. Na realidade, todas as redações apresentaram posicionamentos definidos à favor ou contra o Plano Real, o que demonstrou conhecimento do assunto, inevitavelmente, com repetição de vários clichês.

DA TEORIA AO LEVANTAMENTO DE DADOS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Desde os teóricos estrangeiros como Bessonat (1988), Charolles(1986), Vigner (1988) e Petitjean (1994) até autores nossos que dedicaram em suas obras alguns capítulos ao ensino/aprendizagem da dissertação na escola, como Granatic(1988) e Sargentim (1992), podemos afirmar que os ensinamentos a respeito do texto dissertativo e seus parágrafos ignoram a importância da ordenação dos constituintes para sua construção. Acontece que a construção do texto escrito com maior uso de reordenação de constituintes faz com que este texto se assemelhe à fala, onde o emissor é, eminentemente, sujeito de seu discurso. E nesta situação de escrita, onde o aluno escreve para ser avaliado, sem ter realmente um interlocutor, dificilmente conseguirá ter, no texto, a voz de sujeito. Além disso, com o medo de errar, se não seguir modelos, ficará mais inibido ainda.

Fica enfraquecido assim, o princípio básico de urgência da informação com seus parâmetros cognitivos de importância e previsibilidade que regem a estruturação das orações dentro da pragmática do discurso

MARIA TERESINHA PY ELICHIRIGOITY

(Givón, 1988). E sem essa necessidade e motivação, o texto flui plano, monótono e sem graça.

Tabela 2 — Exemplos das estruturas marcadas

Categoria	Ocorrências	Exemplo
Topicalização contrastiva (TopC)	40 (51,28%)	(A1T4P2I) <i>Para alguns</i> , esse plano não passa de mais um em que o povo acredita
VS	29 (37,17%)	(A2T2P3M) Ainda <i>faltam muitas coisas</i> para serem repensadas em relação a essa economia.
Vexist SN	5 (6,41%)	(A1T4P3I) Entretanto, <i>existem</i> também, outros brasileiros apoiando a proposta governamental.
Pseudo clivada (PC)	2 (2,56%)	(A1T5P5F) <i>O que</i> deveria ser feito <i>era</i> combater as desigualdades para fazer do Brasil um lugar melhor para todos os brasileiros.
Construção de tópico (CTop)	1 (1,28%)	(A1T5P4M) ...mas <i>no que diz respeito à educação e saúde</i> nada foi feito.
V][Oi][Od]	1 (1,28%)	(A2T5P3F) ...e mostrar <i>a todos os brasileiros</i> a imagem real do Brasil.

Com base nessas idéias, começamos a contagem de todas as orações e o levantamento e cópia das estruturas com ordem diferente de SVO encontradas nas dezoito dissertações, previamente selecionadas pelas melhores notas obtidas no vestibular, conforme explicamos na caracterização do corpus. A partir dessa etapa, identificamos os constituintes deslocados e agrupamos as orações em doze estruturas diferentes, de acordo com a reordenação de seus constituintes, registrando, na cópia de cada oração, a área de interesse do produtor do texto (A1, A2, A3), o número do texto de cada área (T1, T2, T3, T4, T5, T6), o número do parágrafo onde se encontrava a estrutura (P1, P2, P3, P4) e a localização da estrutura no parágrafo: (início (I), meio (M), fim (F)).

MARCAÇÃO DE TÓPICO

Dos doze tipos de estruturas marcadas, achadas nos textos pesquisados, restaram apenas, após reagrupamento considerando a forma de reordenação e a categoria dos constituintes, seis grupos básicos, de acordo com nomenclatura apresentada por Givón (1990), Braga(1991) e Zilles(1992) (Tabela 2).

A Tabela 03 nos mostra que tipos de estruturas foram enquadradas em cada grupo e seu percentual de uso total e por área de interesse do produtor de texto (A1: ciências médicas e da saúde; A2: ciências exatas; A3: ciências humanas).

Tabela 3 — Agrupamento final das estruturas marcadas e percentagem de uso por área de interesse

Grupos com estruturas	A1 (%)	A2 (%)	A3 (%)	Total
1-TopC				
[Ccirc] [Suj] [V]	28,57	35,71	35,71	28 (70%)
[Ccir] [V] [Suj]	30	30	40	10 (25%)
[Ccir] [Vexist] [SN]	100	0	0	1 (2,5%)
[O] [Suj] [V]	100	0	0	1 (2,5%)
soma				40 (51,3%)
2-[V][Suj]				
[Vlig] [Pred] [Suj]	64,28	7,14	28,57	14 (48,27%)
[V] [Suj]	28,27	42,85	28,57	7 (24,13%)
passiva medial	60	40	0	5 (17,24%)
passiva invertida	66,66	33,33	0	3 (10,34%)
soma				29 (37,17%)
3-[Vexist] [SN]	75	25	0	5 (6,41%)
4 - Ctop	100	0	0	1 (1,28%)
5 - PC	50	0	50	2(2,56%)
6-[V][Oi][Od]	0	100	0	1(1,28%)

RESULTADOS

Essas 78 estruturas marcadas correspondem somente a 14,63% das orações produzidas nas redações analisadas. Portanto, os textos dos vestibulandos apresentam uma percentagem muito baixa de orações marcadas por reordenação de constituintes. Para termos um parâmetro comparativo analisamos textos dissertativos autênticos, recolhidos de jornais de

MARIA TERESINHA PY ELICHIRIGOITY

várias localidades do país, apresentados como editoriais e comentários formadores de opinião. Consideramos poucas as estruturas marcadas usadas pelos vestibulandos em relação à percentagem geral de estruturas marcadas dos textos autênticos: 46,78%. Isso significa um uso três vezes menor de estruturas marcadas nos textos dissertativos do vestibular. Entretanto, estas estruturas foram colocadas em locais onde sua função é justificável pela teoria. Pela Quadro 1, podemos verificar que a maioria das funções das estruturas foram exercidas nos parágrafos centrais, com destaque para as localizações de início e meio de parágrafo.

Quadro 1 — Síntese final sobre estruturas encontradas, sua localização e relação com suas funções

LP	Tipos de estruturas	Funções	LPT
Início	TopC- [Ccir][S][V]	Marcação de universo circunstancial	M
	[Ccir][Vlig][Pred][suj]	Marc. de univ. circunstancial Abertura de tópico	M
	VS- [Vlig][Pred][S. orac]	Apresentação	M
	[Vexist][SN]	Marc. da imprevisibilidade da referência - apresentação	I
	PC	Generalização/contraste	M
Meio	TopC- [Ccirc][S][V]	Marc. de univ. circunstancial	M
	[Ccirc][V][S]	Introd. de subtópico	M
	[O S V]	Reiteração, especificação Inclusão, contraste	M
	VS [V][Suj] Passivas	Abertura de subtópico Continuação	M
	Ctop	Retomada de tópico Abertura de tópico	F
Fim	VS- [Vlig][Pred][SN] [Vlig][S orac]	Marcação de fim de subtópico Modalização de dúvida	F I
	[V][Oi][Od]	Contraste e ênfase	M
	PC	Generalização conclusiva	M

Notas: LP = Localização no parágrafo
LPT = Localização do parágrafo no texto.

Tendo em vista a confirmação do pouco uso de reordenação de constituintes para a introdução de tópico nas redações de vesti-

MARCAÇÃO DE TÓPICO

bular, isso também confirma a consequência prevista para nossa primeira hipótese, ou seja, os livros didáticos mais adotados pelos professores não trabalham a construção de tópico oracional e, por essa falta de orientação, a maioria dos textos dissertativos do vestibular progride de uma forma plana, tornando-se sua leitura monótona.

Os vestibulandos deram preferência a estruturas marcadas mais simples, onde há apenas o deslocamento de um constituinte (85,89%). A estrutura mais utilizada [Ccirc][Suj][V], considerada uma TopC, tem a função mais comum que é a de marcação de universo circunstancial, tendo sido usada no início e meio do parágrafo e meio do texto, preferencialmente.

Considerando, então, a baixa percentagem de estruturas usadas pelos vestibulandos na construção de seus textos, que foram os que obtiveram as melhores notas, confirma-se nossa terceira hipótese. Nessa hipótese supúnhamos que os textos dissertativos escritos pelos vestibulandos tendiam a usar poucas estruturas marcadas, criando-se o que chamamos de textos “planos”. Por outro lado, podemos concluir, também, que a escolha de estruturas mais simples demonstra que o aluno evita o uso de estruturas marcadas, tanto por desconhecer sua função específica na construção de parágrafo e do texto como por falta de orientação que apóie tais procedimentos.

Pensávamos que os candidatos da área de Ciências Humanas (3), por suposta afinidade aos estudos lingüísticos, obtivessem melhores notas nas redações. Isso realmente aconteceu. Entretanto, sobre os textos da área 3, baseados nos dados colhidos, chegamos a outras constatações. Os textos da área 3 foram os que apresentaram:

- menor índice de estruturas marcadas, ou seja, diferentes de SVO.
- maior índice de uso da estrutura marcada mais usada na soma de todas as áreas, a estrutura 4-[Ccir][Suj][V], que tem a função mais evidente e simples, que é a marcação do universo circunstancial;

MARIA TERESINHA PY ELICHIRIGOITY

- menor variedade de uso de estruturas marcadas (só cinco tipos, enquanto a área 1 usou onze tipos e a área 2 usou nove tipos);
- uso exclusivo de estruturas marcadas menos complexas.

Por outro lado, os textos da área 3, apesar de serem considerados “planos” por sua sintaxe de colocação, possuem mais orações e alíneas indicadoras de início de parágrafo. Foram, portanto, os textos mais marcados tabularmente, o que facilita a leitura visual e dá pistas imediatas sobre a organização global do texto. Devem, inclusive, ter utilizado conectores lógicos para o encadeamento das idéias, o que não nos cabia analisar em nossa pesquisa.

Parece-nos que estes textos enquadram-se nas orientações dadas em manuais didáticos analisados em nossa dissertação. Evita-se o discurso autêntico e seguem-se modelos que asseguram ao aluno, “correção”. Nessa superposição da variedade padrão escrita (e com isso nos reportamos ao fenômeno da diglossia no seu sentido mais amplo), o aluno, quanto menos escolaridade tiver, mais tenderá a copiar modelos, pois teve menos tempo para adquirir e assimilar as possibilidades lingüísticas da escrita formal e usá-las como sujeito de seu discurso. Além disso, utilizará as construções sintáticas mais comuns e se apoiará mais nos recursos visuais da escrita para sinalizar a progressão de seu texto.

Os candidatos da área 3 foram os que apresentaram escolaridade mais irregular (33,33% deles completou o 2º grau em curso supletivo) e, no entanto, obtiveram as melhores notas. Isso nos leva a questionar, novamente, a forma como é ensinada a produção do texto escrito na escola e sua avaliação. Apesar de a situação dos professores que corrigiram estas redações do vestibular ser mais segura, como avaliadores, pois possuíam critérios bem definidos para a avaliação e que contemplavam os vários aspectos da construção de texto — tais como: idéias necessariamente relacionadas com o tema proposto e suficientemente abrangentes, coerência e coesão, clareza, propriedade vocabular, adequação à norma culta

MARCAÇÃO DE TÓPICO

— será que no momento da correção, não privilegiaram, eles também, os modelos dos manuais?

Constatando que 50% dos candidatos da área 1, Ciências Médicas e da Saúde (área que utilizou 43% das estruturas marcadas), obteve a nota mínima (6) considerada nessa pesquisa, levantamos algumas suposições sobre a avaliação feita pelos professores, considerando que as estruturas marcadas nos textos dos vestibulandos foram usadas adequadamente quanto à sua função e lugar previsto:

- os professores não consideram qualidade discursiva a estruturação sintática com reordenação de constituintes, talvez julgando o texto menos claro ou objetivo, o que não é verdade se as estruturas estiverem funcionalmente bem localizadas;
- a leitura tabular do texto é mais fácil e os textos assinalados com mais parágrafos tendem a ser considerados mais bem escritos, mais claros, mesmo que o fluxo da comunicação não respeite os parâmetros da importância e previsibilidade da informação para a estruturação sintática;
- a escola tende a simplificar a construção dos textos para que o aluno imite com mais facilidade, e os professores acabam considerando estes textos os mais corretos;
- os professores, em geral, não parecem ter consciência da função da reestruturação sintática no fluxo da informação, achando que isso é mero recurso de estilo.

Por todos esses motivos, há uma tendência de os constituintes das estruturas escritas terem uma ordenação canônica, seguida com bastante rigidez.

Retomando nossas hipóteses, confirmamos por meio de nossa pesquisa que, pelo menos nos livros mais usados pelos professores, segundo informações e pesquisa de Köche (1996), não é trabalhada a construção do tópico oracional na aprendizagem da elaboração do texto escrito e, como consequência disso, os textos dissertativos produzidos pelos vestibulandos têm uma progressão

MARIA TERESINHA PY ELICHIRIGOITY

plana, evidenciando poucos contrastes. Então, os livros didáticos ensinam os alunos a dividir o texto em parágrafos, enfatizando a idéia de tópico semântico-discursivo (âmbito do texto), sinalizado por alínea, mas não trabalham a construção do tópico sintático-discursivo (âmbito da frase) e suas possibilidades de reordenação com funções determinadas na construção do fluxo da informação.

Por outro lado, conforme supúnhamos, os textos autênticos (editoriais de jornais) não têm progressão “plana”, apresentando, no caso de nossa pesquisa, um número três vezes maior de estruturas marcadas. Estes textos foram considerados “interessantes” e “que despertavam a atenção”, por alunos e professores que os leram a pedido da pesquisadora, independentemente da informação que veiculavam. Além disso, comprovamos, ao passar um parágrafo destes textos autênticos para a ordem direta, a grande modificação que acontece tanto na força ilocucionária como no efeito perlocucionário produzido pelo texto. Estas observações estão em nosso trabalho de dissertação (Elichirigoity, 1997).

A grande diferença de uso de estruturas marcadas entre textos autênticos e as dissertações produzidas para avaliação no vestibular confirma também nossa terceira hipótese. De acordo com essa hipótese, mesmo os melhores textos produzidos pelos vestibulandos, avaliados por professores que se valeram de critérios discursivos como unidade temática, objetividade, além de uso de recursos coesivos e forma correta para correção, são textos com progressão plana, com baixo percentual de uso de estruturas marcadas por reordenação .

Por fim, nossa pesquisa, ao identificar e descrever os doze tipos de estruturas marcadas por reordenação de constituintes, apresenta evidências favoráveis a nossa quarta e última hipótese, pela qual as estruturas marcadas comuns à fala e que são estigmatizadas na escrita, como pleonasmo e anacoluto (correspondem a deslocamento à direita, deslocamento à esquerda e construção de tópico, respectivamente) são evitadas na maioria das redações. Registrou-se somente um caso de Construção de tópico (Ctop) — anacoluto, na gramática tradicional — ainda que utilizando a ex-

MARCAÇÃO DE TÓPICO

pressão “no que diz respeito”, que serve como marcador discursivo de introdução de tópico. No entanto, essas construções são muito comuns na fala, mesmo de pessoas com alta escolaridade.

Quanto a outras generalizações sobre uso e função das estruturas encontradas, podemos afirmar que :

- a reordenação mais usada é TopC;
- as funções de TopC mais exercidas foram marcação de universo circunstancial e introdução de subtópico através das estruturas [Ccirc][S][V] e [Ccirc][V]S];
- quando o [Ccirc] é topicalizado, há uma tendência de a seqüência da estrutura ser [VS] se o verbo for intransitivo e de ligação;
- o grupo de estruturas [VS], considerado em 2º lugar quanto ao uso, apresentou como principais funções de acordo com sua localização nos textos e constatação nos exemplos: apresentação de tópico - [Vlig][Pred][S orac.], introdução de subtópico - [V][S], marcação de fim de subtópico [Vlig][Pred][SN];
- no meio do parágrafo e do texto, foram usados 7 dos doze tipos de estruturas encontradas, das quais três exerceram a função de introdução de subtópico;
- a introdução de subtópico é a segunda função mais usada pelos vestibulandos, através das estruturas: [Ccirc][VS], [V][S], [passiva medial], [passiva invertida].

Resta-nos ainda considerar que, embora tivéssemos dados sobre idade e sexo dos redatores, resolvemos não tomá-los em consideração, pois isso nos levaria a outras pesquisas e resultados sociolingüísticos, o que ultrapassaria nossos objetivos.

CONCLUSÕES FINAIS

Após essas observações, reconhecemos várias limitações de nosso trabalho e apontamos alguns problemas que ainda precisam ser estudados. Não podemos, por exemplo, afirmar que os alunos usem somente

MARIA TERESINHA PY ELICHIRIGOITY

estas estruturas marcadas básicas para a construção do texto dissertativo, porque estes textos foram "encomendados" para uma situação de avaliação em que o aluno não quer correr risco. Inclusive, estas dissertações poderiam, ainda, ser comparadas às redações com piores notas, para verificar se, nas piores, também há reorganização de constituintes e em que medida. Também, como limitação, apontamos a análise de um único texto de cada autor, que poderia ter um comportamento diferente na construção de outro texto.

Outra observação refere-se ao texto dissertativo de jornal, mostrado como exemplo de uso adequado de estruturas marcadas, que sofre limitações de espaço e talvez isso ocasione o maior uso dessas estruturas, por economia. Poderíamos ainda, estendendo nosso trabalho, cotejar os tipos de estruturas (com seus constituintes) usados nos textos dissertativos de jornais e os usados nos textos dos vestibulandos. Seria importante, também, investigar como os textos dissertativos, apresentados aos alunos como modelos, são organizados e em que medida apresentam estruturas marcadas.

Encontramos, por outro lado, várias dificuldades para classificar constituintes e nomeá-los adequadamente ao utilizarmos uma nomenclatura bastante tradicional dentro de uma abordagem funcionalista. A própria palavra "constituintes" designou tanto Sns como orações. Assim, embora falemos em reordenação de constituintes, muitas vezes, consideramos orações deslocadas como constituintes por funcionarem como SNs.

E ficam ainda algumas perguntas como sugestão para a continuidade dos estudos:

- garantindo a situação de real autoria do escritor, as estruturas marcadas emergiriam mais facilmente?
- em que medida textos articulados com estruturas marcadas chamam mais atenção dos leitores?

Por fim, num trabalho sobre variação lingüística, analisando estas estruturas marcadas por reordenação de constituintes, poderíamos propor um estudo comparativo entre o texto dissertativo escrito e o falado, do mesmo autor, sobre a mesma temática.

Pensamos que, em nossa dissertação (Elichirigoity,1997), ao analisarmos os textos autênticos, produzidos por escritores especializados, conseguimos demonstrar a importância do uso de estruturas marcadas

MARCAÇÃO DE TÓPICO

por reordenação de constituintes para a construção do parágrafo e do texto. Percebemos, nitidamente, a função desempenhada em cada tipo de estrutura que encontramos.

Acreditamos que isso deva ser analisado na escola, principalmente com os alunos que trabalham o texto dissertativo, pois servirá, com certeza, para a qualificação de sua produção textual no aspecto de que o escritor se expresse com mais eficácia. E, para essa qualidade, o escritor precisa fazer com que o leitor chegue não apenas a suas intenções, mas consiga também um efeito, em consequência dessa compreensão. Acreditamos que as estruturas marcadas, inseridas na construção do parágrafo e do texto dissertativo, quando usadas de acordo com suas funções específicas, auxiliam o escritor para que consiga não apenas o entendimento da força ilocucionária, mas, também, o efeito perlocucionário pretendido.

Concluindo, entendemos nosso trabalho como uma retomada da estilística sintática e da retórica antiga, levando em conta as descobertas da pragmática do discurso em uma abordagem funcionalista. Esperamos que esta visão do uso de reordenação de constituintes funcionalmente motivado e estrategicamente localizado no texto, como recurso para a construção de textos autênticos, motive os professores de português para novos estudos com aplicação na sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BESSONAT, D. Le découpage en paragraphes et ses fonctions. *Pratiques*, n. 57, p.81-105. mar./1988.
- BRAGA, Maria Luiza. As sentenças clivadas no português falado no Rio de Janeiro. *Revista Organon*, n.18, p.109-124. 1991.
- CHAROLLES, M. L'analyse des processus rédactionnels: aspects linguistiques, psycholinguistiques et didactiques. *Pratiques*, n.49, p.3-12, mar./ 1986.
- DELFORCE, B. La dissertation et la recherche des idées ou: le retour de l'inventio. *Pratiques*, n.75, p.3-16, sep./1992
- ELICHIRIGOITY, M.T. Py. *Estruturas sintáticas marcadas em dissertações de vestibulandos*. (dissertação de Mestrado).Pelotas: Universidade Católica de Pelotas. 1997.
- FERGUSON, C. A. "Diglossia". In: FONSECA, Maria Stella V. e NEVES, Moema F. (orgs.) *Sociolinguística*. Rio: Eldorado,1974.

MARIA TERESINHA PY ELICHIRIGOITY

- GIVÓN, T. The pragmatics of word order: predictability, importance and attention. In: HAMMOND, M.; MORAVICSIK, E. A. & WIRTH, J. R. *Studies in syntactic typology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.
- _____. *Syntax: a functional typological introduction*. [s.l.]: John Benjamin Publishing, 1990.
- GRANATIC, B. *Técnicas básicas de redação*. 2.ed. São Paulo: Ed. Scipione, 1988.
- KÖCHE, V. S. *O ensino da dissertação nas escolas de 2º grau de Bento Gonçalves: características, problemas e alternativas de solução*. (dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.
- PETITJEAN, A. Maîtrise de l'écrit 6e.:un manuel pour apprendre à écrire au collège. *Pratiques*, n 82, p.7-19. jun./1994.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- SARGENTIM, H.G. *Atividades de comunicação em língua portuguesa: 8ª série*. [s.l.]: IBEP; MEC/FAE, 1992.
- VIGNER, G. Técnicas de aprendizagem da argumentação escrita. In: GALVES, C.; ORLANDI, Eni Pulcinelli; OTONI, Paulo(org.). *O texto: escrita e leitura*. Campinas: Pontes,1988.
- ZILLES, A. M. *A ordenação do sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1992. (tese de doutoramento).